

## Wilson Martins: das ondas do rádio às críticas literárias

Claudia Irene de Quadros (UTP, Paraná)

Mônica Kaseker (PUC, Paraná)

### Resumo

Wilson Martins, 88 anos, paulista, residente em Curitiba. Este homem, considerado um dos maiores críticos da literatura brasileira, tem passagem pelo rádio. O depoimento dele registra que essa passagem foi muito rápida, mas outros testemunhos garantem que a história do rádio não pode ser dissociada desse cidadão do mundo. Ainda era estudante de Direito, no início dos anos 40, quando foi locutor por dois anos da antiga PRB-2, a primeira rádio do Paraná. O perfil de Wilson Martins e a sua relação com o rádio paranaense fazem parte de um estudo em andamento de personagens importantes desse meio de comunicação octogenário. Por meio do método biográfico, a trajetória de Wilson Martins é apresentada muito além do microfone radiofônico. Autor de diversos livros, como *Um Brasil diferente*, *O Modernismo*, *História da inteligência brasileira* e *A crítica literária no Brasil*, Wilson Martins ganhou projeção nacional por seus textos ácidos em diversos jornais brasileiros. Foi professor de literatura francesa na Universidade Federal do Paraná, além de lecionar por vários anos em instituições norte-americanas. No rádio, a sua bela voz embalava as noites dos ouvintes da Rádio Clube. No programa, lia clássicos da literatura para cegos.

*Palavras-chave:* rádio, Wilson Martins, literatura, locutor, Curitiba.

### Abstract

Wilson Martins, 88 years old, paulista, lived in Curitiba. He began as speaker in the radio PRB-2, it was his first job. Today Martins is considered one of the best critics of Brazilian literature. Martins told that his work in the radio it was not important, but other interviewees ensure that the history of radio cannot be divorced citizen of the world. Although he was a student of law in the early 40, when he was speaker for two years in the PRB-2, the first radio from Parana. The profile of Wilson Martins and their relationship with the radio Paraná are part of an ongoing study of key figures this media. Through the biographical method, the trajectory of Wilson Martins is set far beyond the radio microphone. Author of several books, as *Um Brasil diferente*, *O Modernismo*, *História da inteligência brasileira* and *A crítica literária no Brasil*, Martins won national projection by his texts acids in several Brazilian newspapers. He was professor of French literature at the Federal University of Parana, in addition to teaching for several years in North American institutions. In radio, his beautiful voice packed nights of the listeners of PRB-2 radio. In the programme, read classics of literature for the blind.

*Keywords:* radio, Wilson Martins, literature, speaker, Curitiba.

### Resumen

Wilson Martins, 88 años, paulista, vive en Curitiba. El primer empleo de este hombre, considerado como uno de los mayores críticos de la literatura brasileña, ha sido en la radio. Martins cree que su trabajo no fue importante, pero otros testigos aseguran que la historia de la radio no puede separarse de este ciudadano del mundo. Él era estudiante de derecho en los años 40 cuando fue locutor de la radio PRB-2, la primera radio de Curitiba. El perfil de Wilson Martins y su relación con la radio paranaense forman parte de un estudio en curso de los principales personajes de este medio de comunicación. A través del método biográfico, la trayectoria de Wilson Martins se fija mucho más allá del micrófono de la radio. Autor de varios libros, como *Um Brasil diferente*, *O Modernismo*, *História da inteligência brasileira* e *A crítica literária no Brasil*, Wilson Martins ganó proyección nacional con sus textos ácidos en varios periódicos brasileños. Fue profesor de literatura francesa en la Universidad Federal de Paraná, además de trabajar durante varios años en instituciones de América del Norte. En la radio, su hermosa voz era una compañera de quién le escuchaba por las noches. En el programa radiofónico, Martins leía los clásicos de la literatura para los ciegos.

*Palabras claves:* radio, Wilson Martins, literatura, locutor, Curitiba.

## Introdução

Considerado um dos maiores críticos literários do Brasil, Wilson Martins não gosta de comentar a sua passagem pelo rádio (2004 e 2008). Dispara logo que o período foi curto e, portanto, não há muito a contar. Em contraposição ao depoimento dele, estão diversos autores que tentam resgatar a história do rádio no Paraná. Para este artigo, foram consultadas muitas dessas referências, realizadas entrevistas e revisadas algumas obras de Wilson Martins com a intenção de buscar a opinião dele sobre a mídia eletrônica e outros assuntos relacionados ao rádio, como a oralidade.

O método biográfico foi de fundamental importância para traçar o perfil de Wilson Martins, um homem que cultivou amigos e inimigos ao longo da sua carreira. Talvez muito mais inimigos pelas críticas, que quase nunca são superficiais. Elas revelam mergulhos profundos em leituras atentas. Por conta da forma como trabalha, Martins conquistou respeito e o seguinte título: “O último grande crítico literário brasileiro” (CASTELLO, 2004).

De formação eclética, Wilson Martins passou por várias escolas. O primário, que afirma nunca ter completado (MILLARCH, 1991), cursou uma parte na Fazenda Martinópolis, em Cravinhos, onde o pai trabalhava. E a outra em São Paulo, onde nasceu em 3 de março de 1921 e retornou com a família depois de viver um tempo no interior do Estado natal. “Assim, freqüentando escolas aqui e ali, não cheguei nunca a completar o curso primário e minha formação elementar foi um tanto atabalhoada... Não tenho sequer certificado de curso primário se alguém pedir.” (apud MILLARCH, 1991).

Quando veio morar em Curitiba com a família, segundo registros encontrados, Wilson Martins ainda era um menino. Era início da década de 30 e o mundo inteiro sofria com as consequências do *crack* da bolsa de Nova Iorque, em 1929. Em Curitiba estudou no Ginásio Paranaense, atual Colégio Estadual do Paraná. A qualidade do ensino atraía diversas classes sociais, o que proporcionava aos seus estudantes contato com os mais diferentes representantes da sociedade curitibana.

Cursou Direito na Universidade Federal do Paraná (UFPR) no período da Segunda Guerra Mundial. A sua formatura foi em 1943, dois anos antes de o conflito acabar. No Brasil, o rádio, que servia de entretenimento e informação, passou a valorizar mais as notícias com os conflitos europeus. Por ser ágil, o veículo também

logo antecipou as notícias que antes eram publicadas primeiramente no impresso. De acordo com CALABRE (2005), nessa época o rádio deixa de ser uma novidade tecnológica e passa a ocupar a posição de importante veículo de comunicação, um artigo de primeira necessidade. Em Curitiba, até 1946 a Clube Paranaense foi a única emissora radiofônica da cidade. Apesar de Wilson Martins afirmar que a sua passagem pelo rádio tenha sido rápida por trabalhar como locutor apenas de 1940 a 1942, infere-se pelos dados apresentados anteriormente que a participação do então estudante de Direito tenha marcado uma época. Afinal, era a única rádio da cidade e havia apenas dois locutores. É evidente que ambos ganharam projeção com o poder do rádio de então.

Antes de destacar a repercussão de Wilson Martins como locutor, é importante registrar que também foi juiz de Estado e professor da UFPR. Em 1947, ganhou uma bolsa do governo francês por dois anos para especializar-se em literatura. Em 1952, concluiu o doutorado em Letras pela UFPR, onde foi catedrático de Literatura Francesa durante dez anos, entre 1952 e 1962. Depois disso, atuou como professor visitante da Universidade Kansas (1962), professor associado na Universidade de Wisconsin-Madison (1963/1964) e professor titular de Literatura Brasileira na *New York University* (1965/1991) (JORNAL DA POESIA, 2008).

Durante seus estudos e sua carreira acadêmica tornou-se um dos maiores críticos literários brasileiros, atuando, a partir de 1954 até os dias atuais, em jornais como *O Estado de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e *Gazeta do Povo* (PR). Para o poeta e ensaísta Affonso Romano de Sant'Anna, Martins é também o mais completo historiador da literatura brasileira (1998).

Entre suas principais publicações, estão *A crítica literária no Brasil*, com dois volumes (1952), *Um Brasil diferente* (1955), *A palavra escrita* (1957), *O Modernismo* (1965), *História da inteligência brasileira*, com sete volumes (1976-1979), *Pontos de vista – crítica literária*, com quinze volumes (1991), e ainda algumas outras dezenas de artigos e ensaios publicados.

Neste artigo, são recuperados registros sobre a atuação de Wilson Martins nas ondas do rádio paranaense e o seu olhar crítico sobre as mídias eletrônicas. Sua acidez de crítico parece não tirar férias e os meios de comunicação não escapam de suas duras palavras. Diversas vezes já criticou a televisão, o cinema e o rádio. Sobre a sua participação no rádio, como destacado anteriormente, afirma que não há muita história para contar.

## Uma bela voz nas ondas do rádio

Em 2004, no entanto, Wilson Martins aceitou dar uma entrevista sobre o rádio, desde que fosse por escrito e por fax. Assim, foi enviada uma série de perguntas às quais ele respondeu com brevidade. Uma nova tentativa de entrevista foi realizada em 5 de março de 2008, sem sucesso. Martins se disse indisposto, com o braço quebrado, e se negou a responder algumas questões. Ficaram lacunas que clamavam por respostas pessoais. Era necessário insistir. No início de abril, Wilson Martins recebeu um novo telefonema e, de susto, respondeu desta vez com mais empolgação as questões sobre sua passagem pelo rádio.

*Meu primeiro trabalho em rádio, aliás o único, foi na PRB-2 Rádio Clube Paranaense, admitido como locutor a 1º de março de 1940, tendo deixado o cargo a 31 de dezembro de 1942. Essa era a única estação existente em Curitiba, empregando dois locutores (o outro era Lóris de Sousa). A estação emitia das 10 da manhã às 23 horas, revezando-se os locutores em horários convencionais. (MARTINS, 2004)*

Naquele tempo, a PRB-2 ficava na Rua Barão do Rio Branco, número 129. A sede permaneceu lá de 1936 a 1973 (HOERNER JR, 2005, p. 49). Nos anos 40, a rádio vivia a era de ouro. Até 1946, quando foi inaugurada a *Marumby*, a PRB-2 era a única emissora de Curitiba. A televisão só chegou à capital paranaense na década de 60. Portanto, o rádio era utilizado como importante veículo de comunicação de massa. Os programas de auditório lotavam a sede da emissora e, de acordo com depoimentos de quem vivenciou essa época, muitas vezes o público formava uma fila que se estendia muito além da esquina da Rua XV de Novembro. Assim como os artistas e jornalistas que atuam hoje na televisão são abordados por fãs e curiosos, o público da PRB-2, na década de 40, também esperava radioatores e locutores na saída da emissora para ganhar um autógrafo ou simplesmente para conhecer pessoalmente o dono da voz que lhe fazia companhia.

Wilson Martins, então estudante de Direito, fazia companhia a muitos ouvintes nas noites curitibanas. Ele era a voz da PRB-2 no período noturno. Ao trabalhar nesse horário, destaca Martins, ele tinha o dia livre para assistir às aulas e estudar.

*Comecei a atuar a convite da direção, que andava à procura de uma pessoa com boa dicção. Os locutores eram essencialmente leitores das fichas de*

*publicidade, além de trabalhar nos programas de estúdio (geralmente das 20 às 22 horas) (MARTINS, 2004).*

A *Rádio Clube* foi a única rádio de Curitiba entre 1924 e 1946, conforme já apontado. No período em que Wilson Martins trabalhou não havia outra emissora em todo Estado do Paraná. A *Rádio Londrina* surgiu apenas em 1943. Logo, no início dos anos 40, Lóris de Souza e Wilson Martins eram locutores famosos. Antes deles, Jacinto Cunha havia sido o primeiro locutor paranaense. Arthur de Souza também é considerado uma das primeiras vozes do rádio paranaense. Somente depois do surgimento da *Rádio Marumby*, em 1946, é que começa a existir concorrência e, com isso, maior diversidade na programação radiofônica em Curitiba (JAMUR JR., 2004). Wilson Martins brinca a respeito daquele momento: “O povo curitibano não tinha outro remédio senão nos ouvir”. (MARTINS, 2008)

O escritor recorda que o rádio do início da década de 40 cumpria a sua função social, cultural e educativa, com uma rica programação:

*O rádio, antes da televisão, era o grande veículo de entretenimento. Com programas musicais e novelas gravadas, programas de auditório e, durante algum tempo, com a presença de artistas conhecidos, especialmente convidados e ao vivo (Francisco Alves, Orlando Silva, o Trio de Ouro, orquestras nacionais e estrangeiras etc.). Como o estúdio dispunha de auditório, havia participação dos ouvintes como assistentes. A estação mantinha o programa diário da Ave-Maria, às 18 horas. O jornalismo consistia de noticiários lidos em determinadas horas. O esporte tinha locutor especializado também diariamente. (MARTINS, 2004)*

A Revista *Gran Fina*, talvez a mais importante da época, apresentava Wilson Martins como "uma das mais belas e sadias inteligências da sua geração. Acadêmico de Direito, cultor das belas-letas, jornalista e literato, as suas produções ilustram constantemente jornais e revistas do nosso e de outros Estados. Como locutor da PRB-2, todas as suas atuações se caracterizam pela impecabilidade da técnica (...)". (apud MENDONÇA, 1996: 29) De acordo com o boletim *Nas Ondas do Rádio*, Martins narrava obras literárias para cegos.

Sobre esse assunto, Martins lembra que as leituras serviam para preencher espaço e eram definidas pela direção da emissora. Em geral, tratava-se de poemas e crônicas para as “horas mortas” (2008). O fato é que ele conseguiu associar o trabalho no rádio ao seu maior prazer: a literatura. Ao considerar algumas das suas críticas publicadas nos jornais, talvez o termo “cego” tenha sido empregado como uma metáfora. Afinal, como destaca L.L.White, “somos em verdade uma raça de

cegos e a geração seguinte, cega à sua própria cegueira, se assombra com a nossa.” (apud SANT’ANNA, 2006). Nesse sentido, ao ler os clássicos da literatura no rádio, Wilson Martins também levou cultura e educação por meio do microfone radiofônico para um público muito mais amplo.

Como locutor também chegou a narrar corridas de cavalos e até filmes diretamente do Cine Luz (JAMUR JR, 2004). Esta última experiência aconteceu somente uma vez e foi inesquecível para Martins:

*Era o lançamento do filme Mogli - O menino lobo, daquele escritor inglês Rudyard Kipling, e me pediram para ir descrevendo o filme à medida que era passado. Acho que foi a única vez no mundo em que isso foi feito. E eu tenho uma lembrança até emocional desse episódio porque alguns dias depois eu recebi a carta de um menino agradecendo muito, pois estava doente na cama e só pôde ter acesso à história do filme por causa daquela transmissão pelo rádio. Eu jamais me esqueci disso. (MARTINS, 2008)*

A cobertura ao vivo passou a ser uma prática normal no final dos anos 30, nos Estados Unidos. As mudanças na estrutura da linguagem radiofônica no jornalismo foram percebidas por Orson Welles, que em 1938 na adaptação de *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells, em seu programa na estação de rádio CBS, chamava a todo instante um repórter para verificar a (fictícia) invasão de marcianos em Nova Iorque. Em Curitiba, de acordo com os relatos de Wilson Martins, o trabalho de locução era limitado. No entanto, isso não o impediu de revelar a sua personalidade e talento.

*Marcaram tanto, essas vozes no rádio, que 50 anos mais tarde, Wilson Martins, já como um dos mais brilhantes críticos literários do país, foi identificado, pela voz, na entrada de um clube na capital paranaense. O porteiro, um cidadão de cabelos brancos e as marcas do tempo no rosto, reconheceu seu antigo ídolo, pelo simples "boa noite" de chegada. (JAMUR JR, 2004: 21)*

Sobre essa passagem, ele brinca: “Era um sujeito idoso, devia ter uns 432 anos para se lembrar disso. Afinal, eu sou o último sobrevivente daquela leva de locutores” (MARTINS, 2008). Martins também se recorda de ter feito sonoplastia de radioteatro pelo menos uma vez: “Eu fazia o galope do cavalo”. E todas as noites, ao final de seu expediente, apresentava uma crônica de autoria própria no quadro “Três minutos para você”, no qual se despedia dos ouvintes. Perguntado se haveria guardado algum desses textos, ele respondeu bem humorado: “Não! Não valia nada. Se eu tivesse guardado, jamais mostraria a ninguém” (2008).

Em 1942, Martins deixou o rádio ao receber convite do interventor Manoel Ribas, para servi-lo como oficial de gabinete (MARTINS, 2004). Posteriormente, no período em que foi nomeado para a cátedra de Literatura Francesa da UFPR, também teria feito parte de um grupo que assessorou o governador Bento Munhoz (1950 a 1955), com o qual partilhava o ideal paranista. De acordo com o sociólogo Márcio Oliveira, Wilson Martins tinha ideias semelhantes às do governador Bento Munhoz.

*Os discursos de Bento Munhoz, durante seu governo, se coadunam com as preocupações reveladas por Wilson Martins em seu trabalho. (...) É de se supor, assim, que Martins e Bento estivessem unidos por laços de amizade e uma mesma visão da política e do estado paranaense, ou que o paranismo de Bento houvesse inspirado Martins. Seja como for, escrever um livro sobre a identidade paranaense, naqueles anos, era possível e mesmo desejável. Se o objetivo era criar uma nova identidade, melhor seria apresentar uma nova história, ou melhor, uma outra história, ou enfim, apresentar um “Brasil diferente”. (2005, p. 5)*

No livro *Um Brasil diferente*, Martins traçaria um paralelo com a obra de Gilberto Freire, *Casa-Grande e Senzala*, defendendo que a formação paranaense, assim como da região Sul, se diferenciaria nos processos de aculturação que aconteceram no restante do país, onde as presenças negra e portuguesa haviam sido determinantes. O Brasil diferente ao qual se referia era, portanto, branco e de raízes europeias.

### 3. Da palavra oral à escrita

Uma das mais importantes obras de Wilson Martins foi *Palavra Escrita*, lançada em 1957, e que se tornou uma referência básica sobre a história do livro e da imprensa. Nela, o autor discute a origem da palavra escrita e a evolução da linguagem a partir da oralidade. Citando Sapir<sup>1</sup>, ressalta que a escrita sempre buscou desenvolver um simbolismo próprio, baseado na representação gráfica. Acrescenta ainda que a linguagem falada demonstrou ser dotada de um simbolismo “mais poderoso do que qualquer espécie de gráfico” (MARTINS, 1998: 33).

O autor volta a demonstrar o valor da oralidade no desenvolvimento das escritas silábica e alfabética à medida que o homem substituiu a imagem visual pela sonora para transmitir o pensamento.

*Dessa forma, o sinal se libertaria completamente do objeto e a linguagem readquiriria a sua verdadeira natureza, que é oral. ‘Decompondo’ o som das palavras, o homem percebeu que ele se reduzia a unidades justapostas, mais ou menos independentes umas das outras (enquanto som) e nitidamente diferenciáveis. (MARTINS, 1998: 40)*

Em outro trecho, Martins lembra o caráter oral da literatura grega, mais para ser falada pelos próprios autores de forma teatral em ginásios diante do público ouvinte, do que para ser lida individual e solitariamente. Essa seria “a literatura do diálogo e não do monólogo, da discussão e não da meditação, que amava mais o

entrechoque das idéias do que o virtuosismo da idéia, literatura de poetas olímpicos, cantores de estádio, e de oradores políticos, mestres da Ágora” (MARTINS, 1998: 77). Suas palavras elogiam o estilo da literatura grega, muito próxima e impregnada pela oralidade.

Ao tratar das mídias eletrônicas, porém, Martins se vê diante de uma prática empobrecida da oralidade, que traria mais danos do que benefícios à vida social. Para ele, o rádio, o cinema e a televisão consolidaram a invasão da imagem no mundo moderno e contribuíram para o desaparecimento gradativo da palavra escrita. O literato é muito duro com os profissionais da imprensa audiovisual:

*A imprensa audiovisual é a leitura auditiva de pequenos trechos, forçosamente selecionados pelas contingências do tempo. Mal selecionados, pelas contingências dos que os selecionam. Mas eles formam o livro da multidão. Por eles aprende-se hoje a escolher remédios, a formar o gosto estético, a opinar politicamente, a participar do progresso material e dos benefícios da técnica. Isso antecipa o sistema das seleções, isto é, de uma prévia escolha do que se deve, do que se pode ler ou ouvir. (MARTINS, 1998: 420)*

Ele ainda ressalta que o homem desenvolveu técnicas refinadas ao criar o rádio, a televisão e o cinema, porém em seus conteúdos promove a “imbecilização” e a “decadência mental” (MARTINS, 1998: 421).

Numa entrevista concedida à jornalista Norma Couri, do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1997, Martins acusou mais uma vez os meios eletrônicos de provocarem um retrocesso sociocultural. Ao explicar por qual motivo quase sempre os *best-sellers* não agradam à crítica, observa que quem procura este tipo de publicação necessita de leitura fácil, como a desenvolvida pela mídia eletrônica.

*Entendo que alguns desses livros se tornem complexos para quem só assiste à novela. A diferença é o nível intelectual. Quanto mais rádios e geladeiras temos, menos número de palavras empregamos. Caminhamos assim de volta para a floresta natal, carregados de apetrechos que nos facilitam pular de um galho a outro. (MARTINS, 2008)*

No texto de abertura dessa mesma entrevista, Norma Couri relata alguns desafetos construídos por Martins ao longo da sua carreira como crítico literário. Por exemplo, o poeta e crítico Haroldo de Campos destaca:

*Wilson afirmou também que Guimarães Rosa, mal orientado pelos críticos, se estava perdendo em invenções filológicas, fez cruzada contra Paulo Leminski. E completa: O Brasil é o único país do mundo que tem uma história da inteligência escrita por uma pessoa que não prima pela inteligência (apud COURI, 2008).*

O antropólogo Darcy Ribeiro também ataca Martins. "A História da Inteligência no Brasil é o livro mais burro que já li, escrito por um reacionário" (apud COURI, 2008). Sobre as críticas ao seu trabalho, rebate os ataques com ironia e a acidez que lhe é peculiar:

*(...) os irmãos Campos tornaram-se adversários de opinião, dizendo que escrevi uma história da inteligência sem ser muito inteligente. Minha modéstia me obriga a concordar. Darcy Ribeiro não dizia que A História da Inteligência é o livro mais burro que já se escreveu no Brasil? São insultos. Raciocinar por meio de insultos faz efeito, mas não significa nada (idem).*

E aos 87 anos, o crítico dos críticos ainda está na ativa, agora com mais de 60 anos de carreira. A mais recente polêmica em que se meteu foi em dezembro de 2007, travando debate nas páginas do *Jornal do Brasil* sobre a publicação de Carlos Nejar, *História da Literatura Brasileira*, que considera “uma sucessão de capítulos sobre os autores, todos independentes entre si e sucedendo-se por contigüidade, sem que o conjunto proponha a idéia orgânica do que deve ser o sistema que a configurasse como brasileira e como história.” (MARTINS, 2008) A resposta veio rapidamente: “O Sr. Wilson Martins tem se notabilizado nacionalmente como um crítico esdrúxulo, capaz de afirmar grandes asneiras com total desassombro e ressentimento” (NEJAR, 2008).

A discussão abriu mais espaço nos meios de comunicação para Carlos Nejar e sua obra. Para travar um debate com Wilson Martins, no entanto, é preciso apresentar fatos, pois ele prefere ficar calado diante de opiniões.

*Eu nunca respondo a críticas desfavoráveis. Só respondo quando discordam do fato, uma data, um nome... Agora, opinião eu não discuto. Se o sujeito disser que o Wilson Martins é uma besta, paciência, eu não posso fazer nada. Eu acho que não sou, se ela acha que sou... Fica zero a zero. Arrisco meu pescoço em julgamentos pouco populares (apud POLZONOFF, 2001).*

Sobre a cobertura que os meios de comunicação fazem do movimento literário, Wilson Martins percebe que os jornais impressos preferem a imagem ao texto. Ao contrário dos meios audiovisuais, que têm produzido cada vez mais programas literários variados. Para ele, é “um fenômeno a estudar mais de perto: as

proporções inversas de espaço que a imprensa falada e a escrita concedem à literatura” (apud NUNES, 2005).

## Considerações Finais

A partir do método biográfico, que consiste em “estabelecer uma clara articulação entre biografia individual e seu contexto histórico social” (GOLDENBERG, 1999: 38), também procuramos registrar um pouco do momento cultural, histórico e político da trajetória de Wilson Martins. Neste artigo, foi dada ênfase à passagem do crítico literário pelo rádio e as suas opiniões sobre os meios de comunicação audiovisuais. Nesse sentido, como destaca o autor Howard Becker (apud GOLDENBERG, 1999), ao seguir tal método é necessário ter consciência de que não será revelada a totalidade de vida de uma pessoa. Após a leitura de artigos e livros do próprio autor, além de outros tantos documentos escritos por outras pessoas e entrevistas, foi apresentada apenas uma versão de Wilson Martins.

Este ano vai completar 66 anos que o então estudante de Direito deixou o seu trabalho no rádio. Hoje ele elogia o rádio daqueles anos, pela qualidade cultural de seus conteúdos, mas afirma que não é possível mais ouvi-lo na atualidade. Não somente porque foi substituído pela televisão, mas pela queda da qualidade (MARTINS, 2008). As suas respostas sobre o trabalho como locutor são breves e revelam, de certo modo, uma desvalorização da função no momento em que ressalta que os locutores apenas liam textos publicitários e faziam o trabalho de estúdio durante os programas. Reconhece o rádio dos anos 40 como um meio de comunicação de entretenimento, mas destaca que sempre o maior problema das emissoras radiofônicas e televisivas foi o de não saber selecionar conteúdo de qualidade em um curto período de tempo. Na opinião de Wilson Martins, esse problema e a falta de cultura de seus profissionais promovem a “imbecilização” do veículo.

As transformações dos meios de comunicação, no entanto, têm contribuído para provocar novas reflexões no crítico. Ao deixar, em 2005, um jornal de grande circulação nacional, ele observou que o jornalismo impresso hoje privilegia os aspectos não-verbais em detrimento do texto verbal. E elogia as variadas formas que os meios audiovisuais têm tratado a literatura.

Pesquisar Wilson Martins não é uma tarefa fácil, sobretudo por sua extensa obra (livros e críticas) e por colecionar diferentes opiniões relacionadas à sua pessoa e ao seu trabalho de crítico. Neste artigo, um pouco desse universo é mostrado para revelar um cidadão do mundo e a sua relação com o rádio. Ao contrário do seu depoimento, diversos autores o desvendam com muito glamour no tempo em que atuou como locutor da *PRB-2*. A paixão pelo rádio ou o reconhecimento dele como crítico de renome nacional talvez tenham influenciado alguns desses autores no momento que escreveram sobre Wilson Martins.

No entanto, os registros sobre o rádio dos anos 40 apresentam a realidade do veículo da época, revelando que o trabalho de dois anos como locutor de uma única emissora da cidade não seria pouco para um público que via neste meio de comunicação uma espécie de artigo de primeira necessidade.

## Referências

CALABRE, Lia. Encontro entre o real e o ficcional no rádio dos anos 40: a Segunda Guerra Mundial e o nazi-facismo. Anais do III Encontro da Rede Alcar, 2005. Disponível em [www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/sonora/liacalabre.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/sonora/liacalabre.doc). Acessado em 12 de abril de 2008.

CASTELLO, José. Jornalista que se considera o último herdeiro de um padrão que se perdeu no Brasil. Entrevista publicada no Jornal da Poesia em 2004. Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/castel04.html>. Acessado em 12 de abril de 2008.

COURI, N. Abertura da entrevista pingue-pongue realizada com Wilson Martins para O Estado de S. Paulo em 1997. Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/ncouri01c.html>. Acessado em 20 de março de 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HOERNER JR, V. **Rádio Clube Paranaense 80 anos**. A pioneira do Paraná. Curitiba: Ed Champagnat, 2005.

JAMUR JR. **Sintonia fina**. Histórias do Rádio. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.

JORNAL DA POESIA. Biobiografia disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilson01bib.html>. Acessado em 20 de março de 2008.

MARTINS, W. Entrevista concedida a Norma Couri disponível em [www.jornaldepoesia.jor.br/ncouri01c.html](http://www.jornaldepoesia.jor.br/ncouri01c.html). Acessado em 20 de março de 2008.

MARTINS, W. **A palavra escrita**. História do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1998 (3ª Ed.)

MARTINS, W. Entrevista concedida a Mônica Kaseker, por fax, em 28 de março de 2004.

MARTINS, W. Entrevista concedida por telefone a Mônica Kaseker, em 14 de abril de 2008.

MARTINS, W. **História Literária**. Artigo publicado pelo Jornal do Brasil em 29 de dezembro de 2007. Disponível em [www.revista.agulha.nom.br/wilsonmartins162.html](http://www.revista.agulha.nom.br/wilsonmartins162.html). Acesso em 20 de março de 2008.

MENDONÇA, M. **Nas ondas do rádio**. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n.115, 1996.

MILLARCH, A. O mais notável dos scholars do Paraná. **O Estado do Paraná, suplemento Almanaque, Curitiba, 20/02/1991**. Disponível em **Tablóide Digital**

<http://www.tabloidedigital.com.br/ler.php?id=4820> Acessado em 12 de abril de 2008.

NEJAR, C. **Sobre a "História da Literatura"**. Artigo publicado pelo Jornal do Brasil em 29 de dezembro de 2007. Disponível em [www.revista.agulha.nom.br/wilsonmartins162.html](http://www.revista.agulha.nom.br/wilsonmartins162.html) Acesso em 20 de março de 2008.

NUNES, Letícia. **Imagens no jornal, literatura na TV**. Entrevista com Wilson Martins e Affonso Romano Sant'Anna para o Observatório de Imprensa, publicada em 08/08/2005. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=341AZL001>. Acesso em 13 de abril de 2008.

OLIVEIRA, M. **O "Brasil diferente" de Wilson Martins**. Artigo apresentado no XII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, Belo Horizonte, 31/5 a 3/6 de 2005.

POLZONOFF, Paulo. **O crítico nunca erra**, 2001. Entrevista com Wilson Martins disponível em <http://www.polzonoff.com.br/%E2%80%99Co-critico-nunca-erra%E2%80%99D.htm>. Acesso em 13 de abril de 2008.

REVISTA AGULHA. Disponível em [www.revista.agulha.nom.br/wilso.html](http://www.revista.agulha.nom.br/wilso.html) Acesso em 10 de abril de 2008.

SANT'ANNA, A. R. **Texto de apresentação**. Palavra Escrita. História do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1998 (3ª Ed.)

SANT'ANNA, A. R. **A cegueira e o saber**. São Paulo: Rocco, 2005.

**Claudia Quadros** é doutora em Jornalismo pela ULL, Espanha, e professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens da UTP. Coordena o grupo de pesquisa JOR XXI. [claudiaquadros@hotmail.com](mailto:claudiaquadros@hotmail.com)

**Mônica Kaseker** é doutora em Sociologia (UFPR). Docente do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da PUCPR, onde coordena o Núcleo de Produção em Rádio. [mkaseker@gmail.com](mailto:mkaseker@gmail.com)

## Notas

---

<sup>1</sup> Edward Sapir, no artigo Language na Encyclopedia of the Social Sciences.